



**INTERNACIONAL**

## **A ESCOLA NO MUSEU D'ORSAY: LE MODÈLE NOIR DE GÉRICAULT À MATISSE / O MODELO NEGRO COMO EXEMPLO<sup>1</sup>**

*A exposição abre um novo horizonte para a história da arte, um horizonte político e estético ainda pouco explorado, pelo menos na França.*

**ANNE LAFONT**

**FRANÇA, ESPECIAL PARA A REVISTA ARTE & CRÍTICA  
TRADUÇÃO: LIGIA FONSECA FERREIRA**

A exposição *Le Modèle noir de Géricault à Matisse / O modelo negro de Géricault a Matisse*, realizada na primavera de 2019 no Museu d'Orsay, abriu um novo horizonte para a história da arte, um horizonte político e estético ainda pouco explorado, pelo menos na França. O evento, que mostrou elementos comuns da história da França e da história das populações negras, foi um sucesso de público e de crítica. Além disso, demonstrou, através e em torno da célebre *Olympia* de Manet, que a modernidade pictural precisaria, dali em diante, ser articulada a essa solidariedade de experiência estética, reunindo a escola e o museu.

Essa nova era, na qual a história da arte consente que a resposta a seus questionamentos seja postergada a cada geração, sem nada ceder à ambição de fazer das formas artísticas a fonte primeira da história, fora antecipada pelas equipes do museu. Estas, desde as fases iniciais da concepção da exposição, propuseram a um grupo de professores do ensino secundário<sup>2</sup>, não só de arte, mas de outras disciplinas como história e música, que se associassem àquele



percurso através da arte francesa do século XIX a partir dos modelos negros retratados. Foi esse projeto que originou a exposição *Le Modèle noir d'Achille à Zinèbe*<sup>3</sup>, correspondente no plano educativo do *Modelo negro de Géricault à Matisse*, que foi realizada em paralelo no quarto andar do museu.

### **DE ACHILLE A ZINÈBE**

Uma parceria entre o Ministério da Educação Nacional da França e o Museu D'Orsay, e, mais concretamente, entre os inspetores de artes plásticas das academias<sup>4</sup> de Paris e de Créteil e o serviço educativo do Museu d'Orsay, dirigido por Rosa Djaoud, deu ensejo ao que se mostrou como um dos aspectos mais surpreendentes e mais emocionantes da primeira apropriação da exposição por um público de jovens. Com apoio dos professores, cerca de trezentos alunos dos níveis fundamental II e ensino médio da região de *Île-de-France*<sup>5</sup> engajaram-se numa discussão artística com a história e a pintura ou a escultura, através do resgate e da projeção de peças

Marie-Guillemine Benoist, *Portrait de Madeleine/ Retrato de Madeleine* (1800). © Museu do Louvre, Departamento de pinturas. Imagem: Domínio público.



antigas que serviram de premissa para a criação de suas obras. Com isso, os alunos mostraram sua inventividade e manifestaram igualmente não sua imodéstia, embora ela fosse totalmente justificável, mas sua capacidade de conviver e se medir com formas de representações antigas hipercontextualizadas como o *Portrait de jeune femme noire / Retrato de uma jovem negra*, também chamado de *Portrait de Madeleine / Retrato de Madeleine*, de Marie-Guillemine Benoist, ou o busto representando uma mulher das colônias de autoria do escultor Charles Cordier.

Se quisermos identificar a parte educativa desse projeto artístico, segundo a divisão de disciplinas própria à escola, o aprendizado veio seguramente das artes plásticas, da história, como também da educação cívica. Decerto, não escapou aos nossos jovens artistas que o propósito do agrupamento temático de obras de arte que representam personagens negros era também abrir a questões como a da comunidade na diferença ou ainda do papel da imagem, ou da arte na construção do pertencimento a

Henri Matisse, *Danseuse créole/Dançarina crioula* (1950). © Museu Matisse, Nice [França].

uma sociedade em si diversa já há muito tempo.

*Le Modèle noir de Géricault à Matisse* propunha também, incidentemente, romper com o isolamento inerente às artes plásticas que, em geral, se traduz pelo confinamento da obra-prima na esfera do luxo, elitista social e economicamente. Entretanto, pode-se dissociar essa obra-prima de seu valor comercial (o que normalmente faz o museu, já que as obras ali conservadas, em virtude de sua inalienabilidade, não têm literalmente mais preço), mas também da sua inacessibilidade devido ao fato de serem raras, quando não únicas - o que faz também o museu, já que os objetos que pertencem a uma coleção nacional, elas constituem o bem de todos, cujo cuidado e inteligibilidade são atribuídos a um profissional: o conservador. Mediador e guardião do objeto precioso, ele trabalha a serviço do público, de todos os públicos.

Assim, as duas exposições contribuíram para tornar a experiência estética mais acessível, muitas vezes reservada a grupos sociais que construíram

familiaridade, ao longo da vida, com museus. De fato, a proximidade e a frequência antiga e repetida das instituições museológicas esmaecem, aos olhos dos seus visitantes mais fiéis, o que há de fascinante nas exposições, estas se tornam lugares triviais como a piscina ou o cinema do bairro. No entanto, para os jovens públicos cujas histórias familiares, quaisquer que sejam, nunca lhes propiciou a oportunidade de frequentar museus, o gosto por esses palácios repletos de obras-primas - edifícios imponentes que contém objetos envoltos numa aura de enorme preciosidade - só se desenvolve, a meu ver, num duplo movimento: a mediação do discurso de contextualização e a imitação do gesto criativo. Isso se dá sobretudo quando se trata de iniciar os jovens à contemplação suspensiva e ao prazer da reflexão histórica, duas sensações que se encontram na base da tarefa da história da arte.

### O GESTO E O DISCURSO

*Le Modèle noir d'Achille à Zinèbe* é a realização exemplar de um tipo de transmissão de saberes fundamentais

para os cidadãos de amanhã, realização que não economiza nem a exigência de saberes teóricos, tanto históricos quanto contemporâneos, nem os recursos das artes plásticas na exploração de saberes sensíveis. Os alunos se confrontaram com a questão da identidade, da exclusão,



Emmie, Vert et fier de l'être /Verde e orgulhoso de sê-lo.

do racismo, da relatividade da norma e da beleza, da visibilidade..., e claramente deleitaram-se com a descoberta de materiais e de suas próprias capacidades reflexivas. Assim, a pigmentação desses inúmeros modelos negros de hoje passa, dando continuidade à *Dançarina crioula* de



Manuela-Jolie D., *Oh my God!*. Colégio Rimbaud, cidade de Nemours, Académie [Direção regional de ensino] de Créteil

Matisse (1950, Museu Matisse de Nice), por um florilégio de cores improváveis (é o caso de *Vert et fier de l'être*, da aluna Emmie) como também do retrato de Mandela, modelo em vários sentidos de Manuela-Jolie D., *OMG (Oh my God!)* ou ainda pelas carnações excepcionais como as encontram em



Jad A. Illyes B. et André-Philippe E., *Confrontation/Confronto*. Colégio Apollinaire, Académie [Direção regional de ensino] de Paris.

Grace (negra e branca sem, por essa razão, ser mestiça). Comentando a série de retratos com diversos tons de pele que compõem *Metamorphing*, obra realizada com uma colega. Lê-se na etiqueta a declaração de uma das autoras: “*Eu sou Grace. Nem negra, nem branca, na verdade, albina. Como me reconhecer no modelo negro? Ou branco?*”<sup>6</sup>. No mesmo sentido, três alunos do fundamental II, inspirando-se numa dinâmica semelhante a Man Ray ao proceder à releitura da modelo Laure (a criada negra de Olímpia), aventuraram-se na montagem e na troca de rosto das personagens, gesto que confirmaria a tese do autor de *Pele negra, Máscaras brancas*, Frantz Fanon. Jad, Ilyess e André-Philippe explicam assim a sua obra *Confrontation/Confronto*: “*Nós nos baseamos na modelo negra pintada por Manet e a associamos ao rosto da Vênus de Milo. Associamos igualmente um manequim, representação padronizada do corpo, com uma figura tradicional africana sob forma de uma máscara*”. Nessa composição original, o confronto dos objetos e de suas respectivas culturas provoca a subversão dos sistemas de

categorização hierárquica própria à história da arte, como o fizeram Picasso ou Braque no início do século XX. Os alunos reproduzem uma forma de descentramento das convenções artísticas e de descompartmentação das categorias de objetos, para desconstruir as identidades fixistas, para relativizar a realidade ou a pretensa essência do negro.

## EMULAÇÃO E ATUALIZAÇÃO

É impossível, infelizmente, mencionar aqui os mais de quarenta trabalhos produzidos (pinturas, fotografias, colagens), selecionados para exposição. No entanto, cada um cumpriu o desafio de apropriar-se de uma das obras expostas no *Modelo negro de Géricault a Matisse* e mostrou todo o empenho na criação de um objeto inédito cuja intenção artística, tanto na forma quanto no conteúdo, encontrava-se explicitado na etiqueta correspondente. Essa dupla exigência reflete o resultado exitoso da exposição, pois ela revelou não somente um público amador e *connaisseur* de arte (esses jovens se colocam, antes de mais nada, em



Hanna D., J'accuse / Eu acuso. Liceu Charlemagne, Académie [Direção regional de ensino] de Paris.

reação à oferta de Benoist, Géricault, Chassériau, Manet ou Matisse...), mas também artistas plásticos. O processo de intervenção manual acompanhou-se de uma reflexão sobre o motivo argumentativo e estilístico da criação, a ponto dos alunos acumularem as

diferentes qualidades do amador mais qualificado: um praticante capaz de interpretar a obra de arte tanto na sua proeza formal quanto no seu projeto intelectual. Os alunos aproveitaram da emulação das versões de seus ilustres predecessores e lograram intervir enquanto artistas, a partir de agora, conscientes dos recursos da arte fotográfica, pictural, gráfica, da costura, etc... fazendo, de seus objetos, intercessores de sensações novas ou de situações dolorosas e/ou incoerentes. O uso do *ready-made* à Marcel Duchamp para compor uma carteira de identidade universal (realizada pela aluna Cassandra) é, neste sentido, notável pela economia de meios aliada à força da ideia, enquanto a recontextualização na iconografia *banania*<sup>7</sup> do título do célebre panfleto de Émile Zola no *affaire Dreyfus*, *J'accuse*, na proposta de Hanna, é em si uma lição de história política da arte.

O Museu d'Orsay empenhou-se, portanto, para diversificar e ampliar seus públicos de uma maneira diferente da que foi escolhida pelo Museu do Louvre que, um ano antes, serviu de cenário

para o videoclipe *Apeshit* de Beyoncé e Jay-Z. Não sabemos quais serão os ganhos de uma e de outra iniciativa. Porém, é possível asseverar que, se o projeto do Museu d'Orsay é mais custoso em termos de investimento humano, a confiança da instituição na invenção e no trabalho dos alunos será mais duradoura e, talvez, menos superficial do que o golpe estrondoso do Louvre ao apostar na associação com estrelas do *showbiz* norte-americanas.

No Museu d'Orsay, a história e as artes plásticas não se confundem com paetês e não esmagam a juventude, que é seu alvo principal, destinatário e intérprete precioso que não pode equivocar-se em sua retomada e apropriação da arte, pois o conhecimento se soma à liberdade de criar. Uma exposição audaciosa, por parte de um grande museu parisiense, alavancando o salto do saber no processo do fazer, mostrou-se um dos maiores sucessos do *Modelo negro de Géricault a... Zinèbe*.

Pasqualina F., Danseuse africaine/Dançarina africana. Liceu Delacroix, cidade de Drancy, Académie [Direção regional de ensino] de Créteil.





## NOTAS

1 Artigo originalmente publicado na revista Esprit, setembro de 2019, pp. 92-99.

2 Correspondente ao fundamental II e ensino médio no Brasil.

3 N. T. : “Achille” e “Zinèbe” é o nome de dois alunos artistas cujas obras fizeram parte da exposição.

4 Na França, trata-se de uma circunscrição administrativa do Ministério da Educação Nacional, semelhantes às diretorias regionais de educação no Brasil.

5 Trata-se dos colégios Jacques Decour, César Franck e Guillaume Apollinaire e os liceus Colbert e Charlemagne em Paris; do colégio Arthur Rimbaud em Nemours e Dulcie September em Arcueil ; e do liceu Eugène Delacroix em Drancy.

6 N.T.: Ver reprodução parcial deste trabalho no blog: SOUTGALL, Franck. Les COULEURS de PARIS : le modèle NOIR à ORSAY, d’Achille à Zinèbe. ON REFAIT L’EXPO... nov. 2019. Disponível em: <[\[le-modele-noir-a-orsay-d-achille-a-zinebe.html\]\(http://linkaewa.over-blog.com/2019/11/les-couleurs-de-paris-le-modele-noir-a-orsay-d-achille-a-zinebe.html\)>. Acesso em 13 fev. 2023.](http://linkaewa.over-blog.com/2019/11/les-couleurs-de-paris-</a></p></div><div data-bbox=)

7 N. T. : Referência ao famoso cartaz da marca de bebida de chocolate em pó Banania, criado em 1915, reformulado em momentos posteriores e retomado em outros objetos (xícaras, latas, canecas...). A ilustração mostrava um sorridente soldado negro, mal dominando a língua francesa, como os milhares que formavam as tropas coloniais desde a Primeira Guerra. Já em 1940, o senegalês Léopold Sedar Senghor - escritor, ativista, líder político e um dos criadores da Negritude - , denunciou os efeitos perversos do estereótipo de caráter racista, colonialista, xenófobo e de preconceito linguístico presentes naquela representação. Ver: <<https://histoire-image.org/etudes/y-bon-banania>> e <<https://www.vintag.es/2019/04/banania-ads.html>>.

### **ANNE LAFONT**

Historiadora da arte e docente da EHESS - École de hautes études en sciences sociales (Paris), onde é titular da cadeira de Histoire de l'art et créolités/ História da arte e crioulidades. Participou do conselho científico da reforma do Museu Nacional da História da Imigração na França em 2018 e, no ano seguinte, do conselho científico para a exposição Le Modèle noir de Géricault à Matisse do Museu d'Orsay. É autora, entre outros, de L'art et la race. L'Africain (tout) contre l'œil des Lumières (2019) e de Une africaine au Louvre (2019), recentemente publicada no Brasil (Uma africana no Louvre, tradução Ligia Fonseca Ferreira, Bazar do Tempo, 2022).

### **LIGIA FONSECA FERREIRA**

professora da área de língua francesa e literaturas de expressão francesa no Departamento de Letras da UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Tem se dedicado a divulgar os escritos do escritor, jornalista e abolicionista Luiz Gama. Em 2020 publicou Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro (Edições do SESC). Como tradutora, seus últimos trabalhos são Os Condenados da Terra, de Frantz Fanon, (com Regina S. Campos, Zahar, 2022) e Uma africana no Louvre, de Anne Lafont (Bazar do Tempo, 2022).